



METAMORFOSE E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NA COLECTÂNEA DE CONTOS DE JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS.

Tese de Doutoramento em Literatura apresentada à FCSH da UNL (2010)

186

O presente trabalho propõe-se fazer um estudo da metamorfose enquanto processo fundamental de definição da identidade do herói no conto tradicional. Centrám-nos na obra *Contos Populares e Lendas*¹ de José Leite de Vasconcelos, mandada editar por ordem da Universidade de Coimbra. Coordenaram a edição dos contos coligidos por Leite Vasconcelos Alda da Silva Soromenho e Paulo Caratão Soromenho. Neste sentido, a distribuição dos contos recolhidos pelos diferentes ciclos e a própria determinação dos ciclos onde se integram os muitos contos que compõem esta obra são da responsabilidade dos coordenadores, já que Leite de Vasconcelos parece não ter deixado indicações muito claras a esse respeito².

Este trabalho está dividido em seis partes. O enquadramento teórico apresenta uma reflexão sobre o conto enquanto género literário com características próprias e sobre a importância da oralidade na preservação da literatura popular de expressão oral e da literatura em geral. Na segunda parte do trabalho é definido o *corpus* de textos a analisar e referida a estrutura da obra escolhida. A interpretação dos textos foi feita segundo diferentes perspectivas teóricas, de modo a explorar com eficácia e profundidade a riqueza simbólica dos contos. A terceira parte apresenta várias teorias cujo objectivo é determinar se a metamorfose é um fenómeno fantástico ou maravilhoso. Na quarta parte é feito um estudo do papel das figuras parentais no processo de metamorfose dos heróis mais jovens ou das gerações mais novas. Aqui pretende-se reflectir sobre a necessidade das figuras parentais para o início do processo de metamorfose e para o sucesso final dos heróis. Se, por um lado, são os pais que impelem os filhos a saírem de um estágio de passividade que os aprisiona no espaço-tempo da infância, por outro lado são também eles ou os seus duplos que desempenham o papel de mediadores neste processo de transformação, crescimento e determinação da identidade, enquanto dinamismo de afirmação de um espaço social/ comunitário e estruturação de um espaço interior em cada personagem. Segue-se a quinta parte que expõe um conjunto de provas-tipo destinadas às heroínas e aos heróis, desafios perigosos que exigem argúcia, persistência e protecção sobrenatural e /ou maravilhosa, e que pretendem não só confirmar a singularidade das personagens integradas no processo de metamorfose como também assinalar a sua importância no seio do grupo de pertença. Em seguida, antes da conclusão, é feita uma reflexão sobre o Tempo como categoria que define a condição humana e que determina o próprio processo de metamorfose, fenómeno natural no mundo envolvente mas que, embora surgindo no conto como reflexo dessa consciência de ser algo natural e absolutamente

¹ VASCONCELLOS, José Leite de – *Contos Populares e Lendas*. 1ª Edição. Coimbra: Acta Universitatis Conimbrigensis, 1963.

Orlando Ribeiro nas páginas que antecedem a introdução refere o seguinte: «Estes materiais estavam informes. A ordenação dos textos (feita apenas em ciclos de assuntos dispostos por ordem alfabética) é meramente prática, porquanto se afigurou complicado e difícil dispô-los segundo a classificação internacional mais corrente. Mas os textos foram cuidadosamente coleccionados com os respectivos originais, sobressaindo, tal como na restante literatura oral, os recolhidos directamente pelo Mestre. Um dos coordenadores expõe ao leitor a marcha de trabalho de ambos e algumas indicações de Leite de Vasconcelos (insuficientes e nem sempre concordes, em qualquer caso simples anotações, que nunca foram ponderadas de maneira definitiva)» in *Contos e Lendas Populares*, p. V.



indispensável para a adaptação das espécies e evolução de todos os seres, se apresenta como um fenómeno carregado de força maravilhosa, onde o extraordinário e o sobrenatural passam a encarar-se como manifestações que determinam o destino das personagens e o rumo dos acontecimentos. Nesta sexta parte são igualmente propostos alguns mecanismos que o conto apresenta para a *(re-)velação* da identidade, apresentada como uma narrativa, como um conjunto de histórias e de experiências que as personagens vivenciam, integram na sua memória pessoal, partilham com o grupo ou comunidade originais e que transformam a sua existência pessoal numa experiência única. É o conjunto de experiências vividas e partilhadas que estão na base da metamorfose dos heróis e da constituição da sua identidade, entendida como demanda activa, criativa e reflexiva, continuamente refeita no decurso da existência das personagens, e que se materializa, por exemplo, nos múltiplos papéis que assumem ao longo da narrativa.

Para estudar a metamorfose e a sua relação com a constituição da identidade comparámos os contos de três dos ciclos que estruturam a colectânea de textos que compõe o *corpus* analisado: o ciclo II – A Bela e o Monstro, o ciclo V – Entes sobrenaturais e o ciclo VII- A Gata Borracheira. A partir da leitura dos contos construíram-se matrizes interpretativas com o objectivo de identificar o tipo de metamorfoses presentes nos textos bem como a sua origem e consequências para o percurso existencial dos heróis. Da análise feita foi possível concluir que a metamorfose, isto é, a transformação progressiva dos heróis e as etapas/provas inerentes ao seu processo de crescimento estão intimamente relacionadas com a afirmação da identidade das personagens femininas e masculinas. Esta construção da identidade engloba, tal como acontece com o ser humano, várias dimensões: a maturação física, o crescimento e afirmação social, o desenvolvimento da afectividade, isto é, o ser na sua totalidade física, espiritual, social e comunitária. Por conseguinte, o conto enquanto ficção reproduz ou reflecte em espelho a realidade da qual parte. Se o leitor tem consciência de que pela intrusão do maravilhoso e do sobrenatural na história está diante de uma criação do imaginário, fruto da riqueza cultural de múltiplas civilizações e que, enraizada na psique e no coração do homem, origina a palavra poética, a literatura de que o conto é também expressão, ele sabe, igualmente, que o conto preserva os laços com a realidade quotidiana, representando através dos símbolos e das metáforas, as inquietações, os medos, os desejos e os sonhos do homem/ da humanidade.

O conto presentifica, na figura dos heróis e heroínas com os mais variados rostos e funções, duas necessidades sentidas por todos os homens: a necessidade de afirmar um espaço no grupo social e o imperativo de construir uma identidade pessoal, que torne os heróis criaturas singulares em relação aos seus pares. As aventuras e provas impostas por terceiros aos heróis/ às heroínas e que devem ser superadas destinam-se, de forma muito evidente, a fazer sobressair as características singulares e a justificar o motivo da eleição dos heróis, aspectos que legitimam a vitória sobre todos os obstáculos, forças adversas ou representações do mal, sobre todas as insuficiências e injustiças com as quais precisam confrontar-se.

A metamorfose apresenta assim dois rostos: um negativo que pode ocorrer no início ou a meio da narrativa, assinalando a urgência de transformação de uma dada situação; outro positivo, simbolizando a crise ultrapassada e que equivale ao momento em que os heróis conquistaram uma imagem pessoal e social enobrecida e forte, isto é, uma identidade que lhes permite encontrar-se consigo e com os outros.



Nos textos estudados, a metamorfose negativa decorre de duas situações concretas: de um encantamento produzido pela má palavra de uma personagem, que funciona como oponente ao crescimento do herói, ou de uma perseguição, normalmente perpetrada pelas entidades parentais (mãe, pai, duplos parentais negativos). Os heróis aparecem então metamorfoseados desde o nascimento ou são metamorfoseados em criaturas do reino animal, vegetal, mineral no decurso da narrativa. O sono-morte simbólico, a doença, a ocultação, o disfarce, a substituição da identidade e a perseguição são figuras da metamorfose negativa, uma vez que nestas situações os heróis apresentam um rosto ou estão integrados num contexto social e pessoal que não correspondem à real identidade e à grandeza do destino que lhes está reservado. Também o aprisionamento das princesas e dos príncipes nas torres ou junto de monstros e gigantes que exilam os heróis da existência são representações da metamorfose negativa, já que as personagens estão simbolicamente mortas. Estas situações revelam os heróis como ausências e figuras sem rosto, condenados ao esquecimento ou afastados do convívio com o outro que confirma a identidade.

Os momentos de negatividade, que se reflectem no corpo e no estar das personagens, contêm em si o seu reverso, ou seja, constituem desafios colocados aos heróis, que visam responsabilizá-los pelo seu próprio crescimento e torná-los sujeitos activos na construção do seu destino. No momento em que os heróis abandonam a casa paterna e decidem partir para enfrentar o mundo e os perigos que ele esconde, tomar consciência das suas potencialidades e construir a sua identidade, ajudando outros a fazê-lo também, começa o processo de reversão da metamorfose negativa. Os heróis assumem progressivamente uma forma humana que lhes possibilita integrar-se e ser reconhecidos na sociedade a que pertencem. Frequentemente os heróis não conseguem iniciar sozinhos esse processo de reversão da metamorfose, que é igualmente um percurso de libertação. Precisam de outros, de mediadores que desempenham um papel fundamental, auxiliando os heróis a encontrarem um rosto e uma forma de estar no mundo. Neste processo assume papel de relevo a figura da mulher como guia, mediadora, potência sobrenatural e profundamente humana que colabora de forma eficiente e insubstituível com as personagens femininas e masculinas integradas num processo de metamorfose e constituição identitária. A metamorfose, assemelha-se a uma espécie de maternidade, enquanto figura e mecanismo que reflecte a transformação dos heróis, mas termina parcialmente no momento em que conquistaram uma imagem positiva de si. Esta etapa corresponde à reversão definitiva da metamorfose negativa, à superação da crise e ao ingresso num ciclo existencial liberto de negatividade, em que os heróis são feitos reis, rainhas, tendo alcançado o poder/espaço-tempo e o amor. A metáfora do tornar-se rei e/ou rainha significa conquistar a maturidade interior, física, social que permite aos heróis ver reconhecida a sua identidade. No entanto, estas conquistas não são sinónimo de estagnação das personagens, já que a construção da identidade é um «processo vitalício».

O conto pode, deste modo, definir-se como a narrativa de constituição da identidade das personagens. Apesar da estrutura simples, repetitiva e até estereotipada que o caracteriza, o conto apresenta uma natureza processual, dinâmica que visa espelhar os momentos fundamentais de afirmação da identidade das personagens: o abandono do espaço conhecido; a necessidade de aceitação dos desafios e dos riscos que permitem crescer; a superação dos riscos e crises, graças por um lado, à disponibilidade interior manifestada pelas personagens que aceitaram a demanda existencial, e por outro lado, pelo apoio de terceiros com os quais se cruzam, que pelo conhecimento e sabedoria superiores, têm poder para



ajudar em provas aparentemente impossíveis e irrealizáveis. O conto é, portanto, a narrativa da metamorfose dos heróis, entendida como o conjunto de crises e desafios lançados aos heróis que visam transformá-los em personalidades aptas a assumir novos papéis. A mudança de reino, o sono, o aprisionamento e todas as formas de encantamento constituem símbolos muito sugestivos da metamorfose enquanto imagem de tudo o que é necessário transformar ou superar para que a personagem possa assumir uma natureza verdadeiramente humana. Assim sendo, o conto fala de forma muito sintética e expressiva do processo de transformação física, espiritual, social inerente à própria condição do homem no mundo.

Teresa M. Gonçalves de Castro

FCSH / CEIL